

## Theatro da rua dos Condes

As côres da bandeira, a proposito patriótico em verso, por Henrique Lopes de Mendonça

E' um quadro naval de grande *enflure* dramatica, que todas as noites chama ao theatro os espectadores entusiasmados, e todas as noites logra arrancar applausos estridentes. Sabem o entrecho. Nas aguas d'Ambriz, uma fragata ingleza fazia exercicios de fogo contra um alvo de côres azul e branco. Passa um brigue portuguez, cujo commandante vendo as côres da patria assim offendidas, manda arrancar o alvo, e collocar-o no brigue, para que os da fragata dirijam contra elle a sua artilheria. Os versos em que este episodio heroico vae narrado, são por vezes imaginosos e cheios d'ardor; e como a '*Portuguez* d'Alfredo Keil lhe sirva de fecho, acontece serem o dramaturgo e o musico, victoriados de pé pelos espectadores, embrulhados na bandeira pelos actores, e levados em triumpho, proscenio fóra, emfim, ao som de vivas e palmas que é um nunca acabar d'entusiasmo.

# Os verdadeiros exploradores



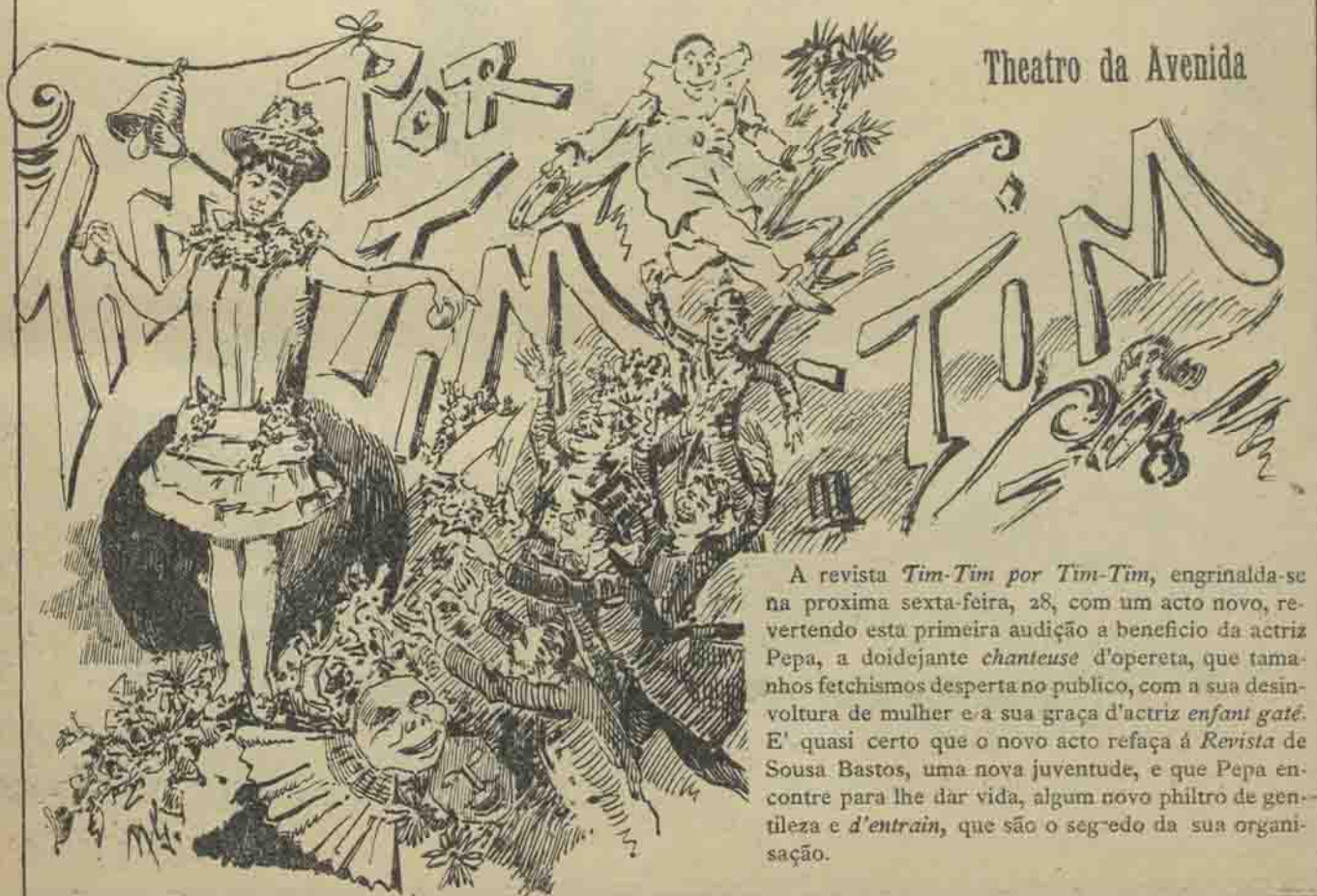
De todas as explorações científicas que nós pagamos, a mais cara é a das urnas, e é esta também aquela em que o governo desenvolve mais sagacidade. A exploração das urnas porém não dá conflitos; verdade seja que também não dá apotheoses. É o documento humano, na sua forma mais reles e pornográfica. Zut!.....

# Homenagem de Lisboa á monarchia



Tocada pela sollicitude com que a monarchia se vae desvelando em bem prover á prosperidade e á gloria da nação: agradecida ás regalias liberaes que ella lhe prepara com a lei da imprensa, e á communhão de protestos e revindictas que ella entreteve com o povo, em todas as demonstrações anti-inglezas — a cidade de Lisboa prepara-se para offerrecer a SS. MM. um grande *bouquet* de primavera, composto das flôres que ella mais prefere.

...Flôres d'eleição, que nem por isso deixam de ser as menos olorantes, nem deixarão de dar, dentro de pouco, apezar de cortadas, magníficos fructos.



A revista *Tim-Tim por Tim-Tim*, engrinalda-se na proxima sexta-feira, 28, com um acto novo, revertendo esta primeira audição a beneficio da actriz Pepa, a doidejante *chanteuse* d'opereta, que tamanhos fetchismos desperta no publico, com a sua desinvoltura de mulher e a sua graça d'actriz *enfant gaté*. E' quasi certo que o novo acto refaça á *Revista* de Sousa Bastos, uma nova juventude, e que Pepa encontre para lhe dar vida, algum novo philtro de gentileza e d'*entrain*, que são o seg'edo da sua organização.

# Appelo ao Zé

Graças á sua apathia hereditaria, sempre a monarchia tem considerado o amigo Zé, como um boneco chinéz dos mais mal feitos.  
Quando precisam d'ellê, os governos mechem-lhe na cabeça.



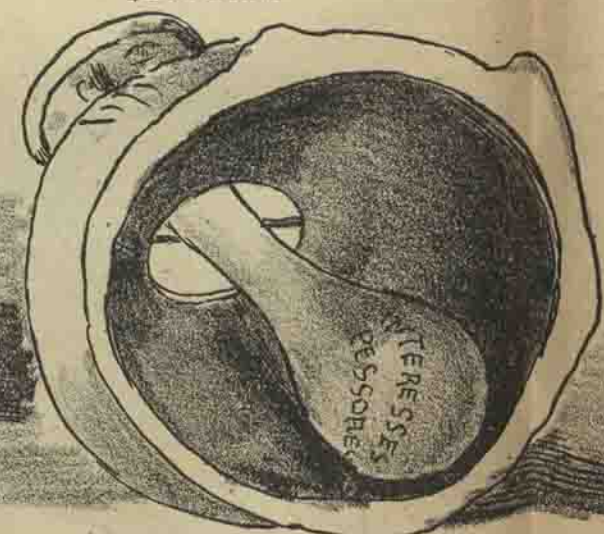
O d'amanhã :  
—Diz que tens muita confiança em mim, Zé.  
O boneco gesticula que effectivamente tem muita confiança.

O de hoje :  
—Queres carneiro ou peixe espada, Zé?  
O boneco responde conforme o impulso da mão que lhe tocou.

O de hontem :  
—Estás contente, Zé?  
O boneco abana a cabeça que sim.



COMO ESTA MACHINA SE MECHE.



VISTA POR DENTRO.



Até que um dia o boneco (e seja esse dia o das proximas eleições!) á força de tanto lhe mecherem na cabeça, se resolverá enfim a partir o involucro de porcellana, e a sahir armado e prompto á lucta, como da cabeça de Jupiter, a Minerva da fabula.

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

# PALHA!

O governo, acostumado  
A dar sempre ao povo palha,  
De réceio anda tomado  
De que o povo, por seu lado,  
Lhe dê Palha, Palha, Palha!

Serilmente atrapalhado  
Cada vez mais se atrapalha,  
No temor justificado  
De que saia deputado  
Palha, Palha, Palha, Palha!

Confessa, assaralhopado,  
Que tem medo da batalha,  
Cujo triste resultado  
Pode ser, p'ra o desgraçado,  
Palha, Palha, Palha, Palha!

E resolve, atomatado,  
Empregar toda a metralha,  
Contanto que, laureado,  
Lhe não saia o malfadado  
Palha, Palha, Palha, Palha!

Já tem carneiro guizado  
Sobre as grelhas da fornalha;  
P'ra o carneiro é convidado  
Quem quer que ponha de lado  
Palha, Palha, Palha, Palha!

Promette, assarapantado,  
Bons empregos á gentalha;  
Paga votos a crusado  
P'ra que não seja votado  
Palha, Palha, Palha, Palha!

Qual co'um osso atravessado  
Um canzarrão se engasgalha,  
Assim anda engasgelhado  
Co'a eleição do deputado  
Palha, Palha, Palha, Palha!

Qual menino amedrontado,  
Cantando, os sustos espalha:  
— Vae-te embora, vae, malvado,  
De cima d'esse relhado  
Palha, Palha, Palha, Palha!

Mas — pobre d'elle, coitado! —  
Já por hi corre e se espalha  
Aguardai-o um triste fado,  
Pois ao povo é mais de agrado  
Palha, Palha, Palha, Palha!

.....  
Mostra-se o povo assisado  
Indo dar o voto ao Palha:  
P'ra quem anda acostumado  
A ser um povo empalhado,  
Antes Palha de que palha!

*João Saraiva*

O sr. Barjona e mais Carrilhos do seu sequito, estão fazendo em Londres, com carruagens e hotéis, uma despeza que o proprio Gran-Capitan teria achado exagerada.

Os creados do Hotel onde o enviado de Portugal se acha alojado, mirando as magnificencias de tracto de tamanho diplomata, já lhe não chamam senão o sr. duque — do que elle se aproveita para se ir dando



allures de Saldanha, quer no desleixo diplomatico com que nos representa, quer nas contas phonomeaes com que nos arrasa.

E no emtanto os inglezes occupam o Chire, e o governo tenta recusar protectorado aos Amaton-gas...

Ah, rufiões! ah scellerados!



## PRINCIPES DO CONGO

- os qu'reis um sabonete fino e perfumado,
- ponto de que a pell' d'um rosto ja fanado
- mite, na brancura, os cysnes mais gentis,
- melhe, em formosura, os teuos colibris
- em mais demora, pois, se o sabonete qu'reis,
- interrogae o povo, o clero, os proprios reis,
- todos vos dirão após encomio longo:
- ecorra aos sabonetes — PRINCIPES DO CONGO!

Perfumeria Valsler, em Paris. — Vende-se nas prin-  
cipaes perfumarias.

## Theatro de S. Carlos

## A CARMEN

A primeira recita da *Carmen*, na noite de segunda feira ultima, foi pelo seu conjuncto, uma d'estas pandegas lyricas a que um dilettanti, em boa justiça, pode recusar adhesão, mas que todo o *joyeux compaignon* deve desejar que se repitam, tanto ellas desopilam o baço, e fazem na musica uma revolução.

Sem negar á sr.<sup>a</sup> Bulcioff os encomios que ella n'outras operas, como cantora e como loira, ha merecido, dizemos que n'esta, a gentil cantora nos recordou diabolicamente o sr. Fuschini em prima-dona



—tendo-se invertido os papeis—e estando a sr.<sup>a</sup> Bulcioff a fazer agora d'empresario. O tenor Novelli, que se estreou na opera, appareceu vestido de hespanhol—sophá, preto com botõesinhos amarellos:



hespanhol *capitoné*, brandindo a navalha de chulo no estylo classico dos antigos conspiradores de

punhal, e fazendo na scena final, uma péga de cara



á cigareira, o que lhe ia valendo atirarem-lhe á praça alguns charutos. Rezumindo, a *Carmen* (cuja primeira audição devia ter figurado nos cartazes sob o titulo d'*A Maria do Carmo*) foi primeiro que tudo uma apothese para o Moraes, um trabuqueiro d'a-



guarella, magnifico, e que é pena não ter-mais voz—e outra para a sr.<sup>a</sup> Corsi, que deu uma criação tocante e gentilissima, infelizmente perdida n'aquelle charivari musical.



RAFAEL BORBELLO VARELA



A embaixada do Maputo, chegada a Portugal para assignalar vassalagem e cimentar connosco relações de commercio e protectorado politico, apenas tem merecido por banda do governo, attentões d'uma subalternidade inteiramente culposa e anti-nacional. Não sabemos o partido que o actual gabinete conta tirar do preto espontaneo que a rainha do Maputo quiz prestar ao nosso paiz; mas receoso fica o espirito publico, ao cogitar se a cobardia e a subserviencia dos companheiros do sr. Serpa ante a velha Inglaterra, irão a ponto de recusar ou segurar menos firmamente a posse d'esses vastissimos territorios amatongas,

cujo povo repelle o protectorado inglez, e vem lealmente ao nosso encontro, apesar dos estorvos que por mais d'uma vez quizeram oppr-lhe.

N'outro paiz que fosse, este acto de vassalagem seria apregoado aos quatro ventos, e a politica colonial impol-o-hia como estrategia para uma ampliação immediata de dominios. Mas é quasi certo que o governo—agente em Lisboa do gabinete de lord Salisbury—mande as propostas do Maputo á capital londrina, e engane os negros, vendendo-os ao inglez que elles detestam, como nos tem vendido a nós, des'que tomou posse do poder

A EMBAXADA DO MAPUTO - COPIA DUMA MAGNIFICA PHOTOGRAPHIA DE CAMACHO